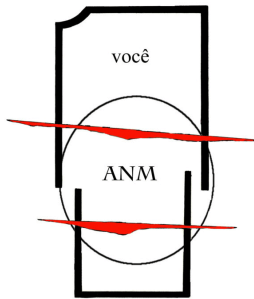


Síndromes e Complexos I



ANM Algoritmos

Nota ao le t

O ritmo é HQ.

Eu acredito na ruptura. A ruptura não é um rompimento, sempre estive lá, como uma tatuagem ingênua aplicada próxima a virilha, [*in totum / puol si*], inclinada a ser beijada. Eu acredito na ruptura como um meio de compor pensamentos de uma mesma linha que se estreitam e acabam por não se reconhecerem.

Eu quero que você se sinta com Deus, nos seus pensamentos, nos seus atos impensados, na sua maneira estúpida de não temer a nada, com aquelas palavras tendenciosas veiculadas como verdades, na comunhão forjada que o condena a esquecer de si mesmo e junto com os demais você acabará se sentindo como Deus. E não é. Tal “sentir como” não é amor. Trata-se de pobres diabos. E ora nem mesmo isso de diabo existe, nem mais existe. Ora há algo pior; e bonito.

Ora enredo-me pelos princípios de liberdade e beleza. Ora eu não tenho nacionalidade, nem naturalidade de onde quer que seja. Eu, apenas um animal.

Para elogiar, aaaaabbbceeeijmnoors. (6)

Para homenagear, aadeeeeefgimnoorrsstux-. (6)

Para chamar atenção, aabdeeeeimmoprtrstt. (6)

Para namorar, aaaabddeeeeillmrrrs. (5)

Para casar, aaacegijmmmmorr. (5)

Eu, um animal que apenas defende o seu território. E pela extensão do meu territ...

Hei, você!!! É, você mesmo. Saia do meu território!

Síndromes e Complexos (Prelúdio)

Síndrome - Conjunto de sinais/sintomas que desperta/caracteriza reações extremadas.

Complexo - Conjunto de sentimentos e recordações inconscientes que condicionam para mais ou para menos o comportamento consciente de um indivíduo.

Na mídia. Passadas 23 estações, os corpos continuam aparecendo sobre as ensangüentadas camas de hotéis e de cômodos familiares; mulheres de todas as idades a partir dos 19 até os 65anos, são encontradas nuas, com as gargantas cortadas e com um corte que se estende de um ombro ao outro e aprofunda-se atingindo o coração e continua até o umbigo. O delegado encarregado do caso mantém-se fechado para os meios de comunicação. A doutora que acompanha as exumações e autópsias revela-se simpatizante — para os olhos do público — com o autor dos aparentes crimes. Os laudos das autópsias revelaram a ausência de qualquer tipo de violência aplicada junto às mulheres e mesmo qualquer resistência da parte delas, também a ausência de qualquer substância que provocasse sono pesado ou entorpecimento para que os crimes pudessem ser praticados. Segundo a doutora, as mulheres, surpreendentemente, se entregaram ao ato. Do autor pouco se sabe e é o mesmo que nada. As discussões a respeito do caso continuam e também as investigações. O mistério permanece em trevas bem como o seqüestro da meia-irmã de um teórico “adorável”; e do caso das mulheres, no mundo inteiro, des carnadas até os ossos.

Na mídia. Agrava-se o caso dos crimes, ora as mulheres são encontradas seminuas — vestem camisolas e despidas até a cintura, com a garganta cortada — um corte que se estende de um ombro ao outro e estende-se até o umbigo e pregadas com cravos no assoalho pelos joelhos. E junto aos corpos na cena do crime, ora as cartas de tempo deixadas para servirem de objeto de investigação. E dentre os que viram as fotografias há quem diga, fora de quadro, projetarem o exterior mais bonito do que o de Cristo no calvário.

No interior do confessionário.

—] ... [

— São os desígnios de Deus.

— Aquilo de Deus escrever certo por linhas tortas?

— Por certo, cavalheiro.

— Desígnios... Você é vítima do seu corpo, padre. Aborto natural é assassinato.

— Creio que você está se distanciando da sua confissão. Mantenha-se a favor do perdão.

— Perdão...? Seria capaz de reconhecer Deus, padre? Assim frente a frente? Olho no olho?

— ...

— Eu sim, padre. Nos mesmos termos, padre. Seria capaz de reconhecer Lúcifer?

— ...

— Eu sou Deus ou Lúcifer, padre?

— ...

— Sabe, padre. Eu tenho pensado sobre nós. Sobre o que acontecerá conosco no final. Se beijaremos nossas mãos ou se arrancaremos nossas línguas num beijo encarniçado. Refiro-me a Deus e eu, padre. Ande'ia de'iato.

— ...não

— Aos anjos. Vejo sérios problemas às suas costas. E são asas. Caan'kan'ia diee ded'th tau che. A'Ka!!!

Estandalhaço. Estertor. O confessionário é revelado.

— Você é um mentiroso!!!

— E eu não acredito em você, padre!!!

— Pelo amor de Deus!!!

— Quem está mentindo para quem, padre?!!! Eu pensei que havia acontecido uma mudança no mundo.

— [...]

“O segredo da vida é apreciar o prazer de ser terrivelmente logrado...”

Oscar Wilde

Síndromes e Complexos.
(Parte I)

Conversão, histeria, loucura, paranóia, obsessão, tara, liberdade fluindo da escuridão. As bruxas estão queimando nas fogueiras, os endemonhados sofrem exorcismos unilaterais, os espíritos se esbaldam com os corpos desgraçados, os pecaminosos estão sendo purificados ordinariamente. Ora nem os santos se sabem santos. Bem-vindos a caça às facetas do mal.

As figuras, acima citadas, são as mais simples e fáceis de encontrar e através das quais os seus autores podem exibir, apresentar, mostrar o triunfo do Bem sobre o mal. Mas esses tipos de autores do Bem surgem, aparecem, pululam; seus nomes correm de boca em boca e se acumulam nos registros populares. E nos registros populares aqueles que se destacam “fazem a diferença” — autores que desfizeram malefícios de relevância. E alcançar tal destaque nos registros populares torna-se um objetivo na vida daqueles que se julgam dispostos, destinados, escolhidos a defenderem o Bem contra o mal. E na falta do que atingir o Bem, cria-se malevolências a serem atingidas. E de tais malevolências, surgiu um modelo muito complexo e difícil de encontrar — o vampiro. E tal modelo passou a ser caçado e com o surgimento da Estaca Divina, os vampiros vieram à luz e começaram a ser destruídos. Com o avanço implacável da Estaca, o vampiro tomou-se um padrão, ora não mais um modelo. E a distinção que há entre padrão e modelo implica que o padrão age sob o olhar — é algo bonito; já o modelo é reles farelo — é uma embalagem imposta e medíocre. O padrão é fora a fora de linha, indiscutivelmente sempre em voga. A Estaca Divina destruía com sucesso os modelos, mas não conseguia atingir o padrão. E tal padrão de vampiro tem por no me de linha: ...? de T. E são os piores.

“Bate o sino pequenino. Sino do Além... O consciente que caminha de dia, é o mesmo que rasteja à noite. O consciente que se vê sob a luz, é o mesmo que grita na escuridão. O consciente que se vê em trevas, em nada nenhuma suma inconsciência. É sumo horror. Tenham medo. Os de T. são casados com a noite. É hora de dormir. Bate o sino pequenino. Sino do Além. Jaz na terra, jaz na terra... Fechem seus caixões, mofinos. Bebam-me, lupin os.”

A Estaca Divina é um pequeno e sigiloso exército itinerante mantido por doações, extorsões e pequenos furtos. Todos que fazem parte da Estaca são mantidos mediante pagamento, isto é, o cozinheiro, os ajudantes, os condutores de carroças, o contador, os artesãos e os soldados. Mas nem todos aqueles que, ocasionalmente, prestam serviços a Estaca Divina são remunerados, muitos desempenham pequenos papéis em certas missões apenas com a promessa de receberem o de-comer.

A Estaca está sob a liderança de Costanos; jovem homem feito, de tirar suspiros do sexo a lheiro, entretanto, envenenado pelo padrão de T., mantém-se distante dos apelos femininos. Quando os anseios suplantam suas resistências, Costanos embriaga-se e submete-se a vontade alheia. Ele tem como certo, caso seja morto por um de T., que o vinho não lhe dará os méritos de um mártir, mas será mais um que se deixa morrer pelas graças do amor. E através das palavras de sua irmã Constance; dotada de juízo de rainha; sua imagem se verá livre do escárnio.

Ainda criança, Costanos perdeu o que ele julga ser o seu grande amor, a ainda menina Elena, morta por um ataque de lobos. Conta Costanos que ambos caminhavam pela floresta, quando ele viu uma bela flor amparada pelos galhos de uma árvore, enamorado que estava, Costanos subiu na árvore para apanhá-la, e ao apanhar a flor e virar-se para sua amada, dois vultos negros resvalaram nas brancas vestes de Elena, colocaram-se a distância e exibiram seus caninos salivantes. A menina correu e os lobos correram atrás. No desespero, Costanos caiu da árvore e correu atrás dos lobos, aos gritos, com o nariz sangrando. E lançando paus e pedras, Costanos afugentou os lobos, sem que antes, ele e as feras trocassem olhares, exibindo seus caninos ensangüentados. Com a morte de Elena, Costanos transferiu a imagem de sua amada para a sua irmã — a amiga íntima do seu grande amor. E tal transferência se deu de forma inconsciente. De consciente apenas o juramento romântico de combater o mal em todas as suas formas.

“Oh! Deus. Isso não. Assim não! Não com você. O que excita é ruim. Faz com que eu nada sinta. Vem. Deixe todos para trás. Vem. Eu te amo tanto. Aproxime-se da minha boca. Aconchegue-se aos meus lábios... os seus lábios... de baixo. O meu beijo leva o carinho de mais de mil demônios.”

Elena! Elena! Elena! Elena!

— Você quer falar sobre a morte de Elena?

— Eu não sei.

— Os lobos voltaram?

— Os lobos nunca se foram.

— Morte, talvez?

— Eu a carrego sempre comigo.

— E quanto a sua irmã?

— Você é tão bonita, Constance.

— Por esse elogio eu lhe darei um beijo de boa noite. Volte a dormir,
Costanos.

— Não. Vamos passear. Veja que luz tão bonita. Já é dia claro lá fora.

— Não para você.

Constance! Constance! Constance!

Costanos era constantemente açoitado por um pesadelo no qual ele mantinha relações sexuais com uma mulher com as mãos e os pés amarrados. A jovem mulher se debatia sob ele, procurando evitar os seus beijos e carícias. Súbito, Costanos se via ao pé da cama, a jovem procurava se esconder, então, aproximava-se um outro e a jovem começava a sorrir. E uma vez desamarrada, ela sorridente procurava os braços, os lábios do outro, a pele em tato nu. Diante dessa imagem, Costanos começava a pegar fogo; e acordar aos gritos e suando frio era a regra para se encontrar fora do pesadelo. E ele tinha certeza de que aquele outro era um de T.. E suspirou com pesar, ao ser revelado a ele por um membro da Cúpula da Estaca Divina, através de uma missiva, que aquela jovem mulher era a sua própria irmã. A partir dessa revelação, Costanos decidiu proteger sua irmã com unhas e dentes; ele não perderia Constance da mesma forma que perdera Elena. Ora Costanos acreditava que aqueles lobos, não eram simplesmente lobos, mas os de T. sob a égide do Inferno. E para a total segurança de sua doce irmã, todos os de T. tinham de ser destruídos. Ora Costanos dava-se conta de sempre agir no sentido de proteger a sua irmã; sempre a acompanhava nas orações antes de se deitar, procurava incutir no ser dela o hábito de apreciar a serenidade no interior da igreja com poucos fiéis ou mesmo nenhum; sempre se fazia obstáculo as investidas dos garotos; deixando claro para os pais que ambos tinham vocação para a vida religiosa. E antes de partir com um grupo de peregrinos, o adolescente Costanos pediu aos pais que enviassem Constance para um convento, encantava-se ele ao dizer que lá ela seria feliz e encontraria o amor, o mais puro amor.

Antes de ir para o convento, Constance conviveu alguns anos com outras duas primas trazidas para aquele lar devido a uma doença que colocou de cama a mãe daquelas meninas. As três se deram muito bem, revelaram-se irmãs de coração — elas mesmas meias-irmãs; e divertiam-se muito indo a igreja e aprontando poucas e boas com os garotos mais afoitos. Um surto de epidemia ceifou a vida, um a um, dos pais de Costanos e das meias-irmãs de Constance. Costanos, já como integrante da Estaca Divina, retornou com o intuito de auxiliar sua irmã, ele a reencontrou ligeiramente linda e feliz num local privado do convento. E sem perder tempo, Costanos levou Constance para um convento mais próximo da Cúpula da Estaca. E devido ao protecionismo do irmão ela acabou acompanhando-o nas entregas das mensagens para o exército itinerante. E com a ascensão de Costanos passando a ocupar a liderança da Estaca Divina, Constance passou a fazer a comunicação entre a Cúpula e o exército itinerante. A princípio, a contragosto do irmão, mas acabou se tornando uma necessidade do líder.

— Você tem ido a muitos bailes?

— Não muitos.

— Ficarei mais tranqüilo quando você me disser que não foi a baile algum.
— As leituras me levam aos bailes.
— Pois ore! As orações a levarão ao encontro do amor.
— E para que servem os bailes senão para promover tal encontro?
— O que se encontra nos bailes não é amor, é apenas compromisso. Não deixe os afazeres da carne falarem pelo seu ser, Constance. Dê-me a carta. Você precisa descansar.
— Conversaremos mais tarde.

...

— Constance! Constance! Desfaça a montaria.
— Solte os cabelos!
— Coloque um daqueles belos vestidos!
— Dê um pouco de alegria para esses pobres soldados!
— Brinde-nos mais uma vez com a sua formosura!
— Não consegue ver nossos corações martirizados?!
— Eu estou vendo.
— Aleluia!!!!
— E não estou gostando nenhum pouco do que eu estou vendo. Até a próxima, soldado!
— Não!!!!!!!!

Constance e o de T.. A beleza de Constance e a aproximação do de T. martelando o consciente de Costanos. Os de T. primam por seduzir belas mulheres e extrair-lhes a vida, o sangue. E esse tipo de ação de T. frequentemente acontece nas festas, nos bailes... Trazer em definitivo Constance para o exército mostrava-se um erro, ela certamente se ofenderia profundamente. O que fazer? O que fazer?

— Desculpe-me despertá-la.
— Eu ainda não estava dormindo.
— Podemos conversar. Eu prometo que serei breve.
— O que aflige o meu irmão nessa noite fria e úmida?
— Nessas noites você pensa em ser abraçada, tomar em calores um outro corpo?
— Claro. Um marido. Alguém que eu ame. Pensamentos assim. Pensamentos comuns.
— E tais pensamentos já chegaram a sufocá-la, a ponto de enlouquecê-la?
— Algumas vezes.
— Por quê?
— Um cúmplice tormento. A necessidade doce de ser mãe. E a parcela de sofrimento divina me diz que não é bem assim. Uma vez eu fui tomada por esse terno abrasamento, era impossível suportá-lo, eu tomei as rédeas e me dirigi para o

convento. Entrei no cômodo das internas com uma mecha de fogo e comecei a acordar a todas, puxando os lençóis e as mantas. O que vocês pensam que estão fazendo? Eu gritava. Servindo a Deus? E comecei a escandalizá-las. Algumas se assustaram e começaram a chorar. Alguns gritos para que eu parasse. Algumas palavras de redenção choringadas. E eu persistia em escandalizar. Diante daquela choradeira e gritaria, algumas vezes se voltaram contra mim, algumas vezes se voltaram contra as lágrimas, algumas vezes se voltaram contra as próprias lágrimas, daí todas as vezes se voltaram contra todas as vezes. A superiora entrou e sua voz foi abafada. Ela gritou com todas as forças, chegando a ficar sem fôlego, mas conseguindo chamar a nossa atenção. Nós paramos e olhando aquela mulher tentando voltar a vida, nós nos olhamos uma a uma e começamos a sorrir. Rir e rir. A superiora dobrou suas forças e nos olhou duramente. Todas já para suas camas! Apenas eu fiquei de pé. O olhar passou de duro a circunspecto e me disse: E você, mocinha, não sai daqui. Nós nos falaremos pela manhã. Quanto a uma cama, mocinha, o chão frio lhe cairá muito bem.

— ...

— Eu me coloquei ao fundo, no corredor formado pelas camas. Eu me ajoelhei e fiquei orando pelas internas até a superiora abrir a porta.

— Desculpe -me incomodá-la, Constance.

— Em nada me incomoda, Costanos. Não quer saber o que aconteceu quando a porta se abriu?

— Não. Não carece.

— Eu lhe direi mesmo assim. As camas foram arrumadas, e as internas se ajoelharam ao pé de suas camas e assim passamos parte daquela noite, todas orando até a porta se abrir.

— Boa noite, minha irmã.

Costanos não conseguia se livrar das marteladas dos pensamentos comuns; levando-o a comprometer a ação do exército junto aos fundamentos básicos do mal. A Cúpula se viu no dever de agir energeticamente contra tais deslizos. Constance, além de trazer a missiva habitual, chegou acompanhada de outros dois soldados.

— Constance, minha irmã! Eu a aguardava ansiosamente.

— É sempre bom vê-lo, meu irmão.

— E quem são estes acompanhantes?

— Está tudo na carta, Costanos.

— Na carta? ... É claro. Obrigado, Constance.

— A carta deve ser lida na nossa presença, Costanos. Uma determinação da Cúpula.

— Eu devo lê-la em voz alta?

— Isso não é necessário.

— Com licença. Eu preciso me sentar.

— ...

“Honorável, Costanos.”

— Honorável? Eu não gostaria de estar na minha pele agora.

“Esta missiva lhe chega as mãos devido a sucessivas ações desastrosas e nem tanto devido aos seus fins alcançados. Contudo, de pouco habitual, se tornaram corriqueiras. Vale lembrá-lo de algumas ações de grande impacto como O gato preto, A dança na floresta, As bonecas sem olhos, O quadro de família, e outros mais. Ações memoráveis, Costanos, onde a inteligência e a perspicácia prevaleceram. E suas últimas ações primam pela casualidade e pela falta de critério.”

— Eu já os vi comendo o fígado do exército antes. Espero que eles se mantenham justos.

— A Cúpula sempre se comporta de forma justa, Costanos.

“E suas últimas ações primam pela casualidade e pela falta de critério. E que culminou com a desastrosa ação na Casa dos B. O exército tinha como tarefa apenas assegurar que o baile terminasse de forma pacífica enquanto um acordo a portas fechadas procurava conciliar as duas casas rivais, outrora casas unidas pela tradição. Esperava-se uma briga ou outra provocada pelos calores do vinho. E o que aconteceu? Todos mortos. Os de T. mataram a todos, um verdadeiro banquete. Quantos de T. para tanto, Costanos? Quantos? Dez, sete, cinco, três de T., Costanos? Quantos. E lá se foram mais de setenta convivas, homens e mulheres com suas gargantas cortadas e homens com os seus corações perfurados. Artes de T.. Artes exclusivamente de T., Costanos. E pelas tais artes conclui-se que foram necessários dois ou apenas um de T. Quantos de T. você foi capaz de ver, Costanos? Eis suas próprias palavras a respeito: “Ouvia-se música. Os convidados começaram a cair aos nossos pés, corríamos de um lado para o outro, e os convidados continuavam a cair e a dançar, então os corpos começaram a cair sobre as nossas cabeças. A música parou. E passamos a escutar apenas o baque surdo dos corpos caindo contra o chão, vertendo sangue pelas suas bocas e de olhos arregalados como se acompanhassem um terrível pesadelo, cada qual o seu próprio pesadelo. E não tivemos outra escolha senão sairmos de dentro daquele Inferno.” Suas próprias palavras. É necessário fé para distinguir um de T.. Fé!!! Fé, Costanos!!! Fé!!!”

— Eu falhei, Constance. Eu falhei com Deus. Eu falhei com a Estaca. Eu falhei com todo o mundo.

— Você não falhou comigo, meu irmão.

— Não?

— Não. É humano, Costanos. É apenas humano.
— E o que nós combatemos não é humano, daí a necessidade da fé.
— E também o amor.
— Nunca ouviu falar que o amor não é desse mundo, Constance?
— Já. E em viagem pelo mar tal pensamento me pareceu uma verdade absoluta. E muito doce.
— ...

“ Para restaurar a fé junto a Estaca, nós estamos enviando dois soldados para integrarem o grupo, Lukas e Mariann, excelências nas artes da espada e do arco e flecha. Esse rapaz e essa jovem com ares de poucos amigos respeitam a Ordem dos Franciscanos, praticam o voto de silêncio, a solidariedade junto aos pobres e a harmonia com os animais.”

— Inacreditável! Franciscanos assassinos. Como pode uma coisa dessas?
— Um e outras coisas, Costanos. Eu não vejo uma divergência tão grande em franciscanos cometerem assassinatos do que eu vejo em mercantilistas pregarem o evangelho.
— Você leu a carta, Constance?
— Eu a escrevi de próprio punho, Costanos. Lukas e Mariann respeitam, ora não mais pertencem a Ordem dos Franciscanos.

Costanos é tomado por um e outro sobre salto.

— Desde quando?
— Muito.
— E como acontece de ser escrita?
— Um ou alguns indivíduos da Cúpula e aquele que escreve a missiva se colocam em um cômodo de dois ambientes. O cômodo é dividido em dois ambientes por uma grade similar a dos confessionários de igrejas. Tal grade permite uma excelente passagem de som e prejudica a visão de quem escreve a missiva.
— Como é chamado aquele que escreve a missiva?
— Palimpsesto versado.
— Eles revisam a missiva depois de escrita?
— Não.
— Não?
— Jamais. O Palimpsesto versado tem o direito de discutir com a Cúpula o que ele julgar impertinente.
— Então, o Palimpsesto versado é um posto de extrema confiança?
— Não.
— Obrigado, minha irmã. Eu apenas entregava as missivas.

“Lukas e Mariann receberão o mesmo pagamento dos demais soldados. Cada um tem o seu casamento em vista. E quando da apresentação dos novos soldados, Costanos, deixe bem claro a todos do seu exército que jamais façam uso de zombarias, provocações, ou o que valha para tentar fazê-los falar. O silêncio é vital. Segue três missões: *O fantasma do emparedamento. A vila das línguas cortadas. O labirinto macabro.* As duas primeiras são mais fáceis do que tirar bebê dos braços da mãe depois de ser amamentado e ter adormecido. Já o labirinto macabro exigirá do exército todos os esforços, tudo que foi negligenciado nas missões anteriores. Trata-se de um labirinto subterrâneo, uma vez ultrapassado o exército se colocará em contato direto com uma seita habituada a praticar rituais que envolvem o sacrifício de humanos e de animais. Trata-se de uma manobra muito especial e que requer maiores detalhes e os tais lhe serão comunicados ao longo dos preparativos para esta missão. A princípio, Costanos, você deve ocupar os seus pensamentos na solução de como sair de um labirinto subterrâneo. Segue os locais e nomes a serem procurados para o início das duas primeiras missões.”

— Esse labirinto macabro irá atrapalhar as duas primeiras missões, meus pensamentos já estão embaralhados.

— Esta é a intenção da Cúpula. Exigir o máximo de cada um.

— Eu já entendi. Se as duas primeiras missões estão me atrapalhando, eu devo passa-las para outra pessoa. A confiança é um princípio da fé.

— Não. O amor é. A confiança acaba, o amor transcende. A confiança não admite o errar em quem se confia.

— O amor também não admite.

— Se não admite, não é amor. Uma relação baseada na confiança cria elos, uns fortes e outros fracos. E os elos fracos sempre condenam os fortes.

— E o que é uma relação baseada no amor?

— *Tudo aquilo que você não fez comigo e mesmo assim eu não dou importância para o que os outros dizem. O que é um erro. Vem cá, meu amor, me dá um beijo.* Beira a isso, eu creio.

Constance sorri se engraçando com uma nobre sanha inamovível.

— Você é maravilhosa, Constance. Eu estava certo de quando eu dizia que você encontraria o mais puro amor. E volto a me encantar. Eu escreverei a Cúpula pedindo para que você nos acompanhe e lidere o exército nas duas primeiras missões. Se você tem escrito as missivas, é capaz de levar as missões adiante.

— Se eu tenho interesse em acompanhá-los, Costanos, meus interesses se resumem a missão do labirinto macabro. Antes de tomar qualquer iniciativa, meu irmão, pense na intenção da Cúpula em exigir o máximo de cada um.

— ... está certo. Mesmo assim você não quer nos acompanhar?

— Não.

— Você lê as cartas que eu escrevo para a Cúpula?

— Não.

— Não?

— Indiretamente. Eu acompanho os comentários e as observações.

— ... Esses ídólatras do labirinto macabro acabam com o meu humor e indis põem as minhas entranhas com os seus rituais ordinários. Idolatram uma entidade que somente pode tratá-los com indiferença e desprezo. E imbecilidade maior é sacrificar vidas inocentes...

— E derramarem um sangue pior ainda.

— E essas vidas inocentes sacrificadas tornam essas entidades mais submissas ainda. E permitem que aconteçam tais sacrifícios e derramamento de sangue apenas para que lá na frente, essas potestades possam destruir os seus adoradores e de forma mais vil os líderes desses adoradores. Assim as potestades podem se detestar um pouco mais e com o porém de se detestarem próximas a Deus.

— E Deus não sacrificou nenhum inocente.

— Você conhece os de T.?

— Absolutamente.

— E o que você sabe sobre os de T.?

— O que você sabe e um pouco mais.

— E o que seria esse “um pouco mais”?

— Confidencial. Um capricho da Cúpula.

— E esse “confidencial” me traria melhores azares com relação aos de

T.?

— Não.

— E por que eu não posso saber um pouco mais?

— Ofício da Cúpula.

— Entendo. ... Tem ido a muitos bailes?

— Não.

— Quantos?

— Nenhum.

— Por quê?

— Orar me tem feito muito bem.

— Sozinha?

— Não.

— Acompanhada?

— ... É.

— Intimamente acompanhada?

— Absolutamente.

— ...hmm...

— O que eu devo saber sobre os de T.?

— Acabaremos sabendo. Ora eu quero saber o que a Cúpula quis dizer com “O silêncio é vital”? O que acontece se Lukas e Mariann se sentirem obrigados a falar?

— Tudo a volta deles se silenciará. Somente dessa forma o voto voltará a ser mantido. O palimpsesto se torna versado.

— Isso significa?

— Todos serão mortos.

— Eles são tão bons assim?

— Pergunte a eles, Costanos.

As duas primeiras missões, as tais que seriam mais fáceis do que tirar bebê dos braços da mãe depois de ser amamentado e ter adormecido mostraram-se tais e quais, mas com um agravante: o adorável bebê transforma a mãe num obstáculo monstruoso. A cada missão cumprida ou um simples trabalho realizado, Costanos abria um leque de elogios e homenagens a Lukas e Mariann, procurando provocar os dois soldados e perturbar a turba do seu exército. Lukas e Mariann não tomavam parte dos pequenos furtos e das extorsões, e recusavam o pagamento causando um mal-estar em alguns soldados quando deveriam dar aleluias por receberem mais moedas. O mal-estar abraçado por alguns soldados, causava um mal-estar maior ainda, terminando por atingir a todos. E o remédio era espírito e carne, uma receita ruim para quem toma Deus por criador de todas as coisas.

— Por que se faz o voto de silêncio?

— Dizem que depois de certo tempo, aqueles que adotam tal voto conseguem ler os pensamentos das pessoas.

— Isto é possível?

— Eu não sei.

— Malefício!

— Hei! Vocês podem ler o meu pensamento?

Lukas e Mariann acenam e dão as costas para os demais.

— Hei! Eu estou falando com vocês!

— Você não tem o que falar com eles. Ninguém tem.

— Hei! Seus desgraçados. Vocês não são melhores do que nós!

Mariann vira-se para o soldado.

— Leia os meus pensamentos.

— Isso é bobagem!

— Eu preciso saber.

— E como você vai saber que ela leu seus pensamentos se ela não pode fala-los a você?

— Eu saberei. Eu saberei. Vamos lá! Leia os meus pensamentos.

Mariann troca olhares com o soldado, dando a entender que faz uma leitura dos pensamentos dele. Por fim Mariann começa a sorrir e a rir.

— Hei! Não é engraçado o que eu estou pensando.

Mariann agrava o sorrir e rir. Dá as costas e segue caminho com Lukas.

— Aonde você pensa que vai?!

— Deixe-os ir.

— Hei! Não foi engraçado o que eu pensei.

— E que diabos você pensou?

— Que mamãe me ama e que por isso ela vai chorar eternamente no Inferno.

Gargalhada generalizada.

— E que mãe amaria um filho como você?

— Mamãe me ama, seu desgraçado!

— Deixa ela saber que vai chorar eternamente no Inferno e esse amor acaba num instante.

— Cala essa boca, desgraçado!

— Acalmem-se! Cada um paga pelos seus próprios pecados.

E começam os preparativos para a missão do labirinto subterrâneo. Costanos sobra, se excede dentro de si mesmo, finalmente suas teorias serão colocadas em prática. E sua primeira providencia é visitar e estudar as estruturas de alguns labirintos, todos a céu aberto e a maioria como complemento de belos jardins. Depois de algumas visitas, Costanos recebe uma missiva da Cúpula, referindo-se aqueles tipos de labirintos como passeios. E o labirinto macabro não era nenhum tipo de passeio, a Estaca não estava se preparando para adentrar nenhum tipo de Céu ou Paraíso, muito pelo contrário. Seguindo instruções da Cúpula, Costanos passou a frequentar catacumbas, criptas, galerias, cavernas, tudo associado a subterrâneo e até adegas.

— Hei, Costanos! Nós podemos levar algumas garrafas de vinho?

— Essa adega é enorme. Ninguém notará a falta de algumas garrafas.

— Alguém é capaz de morar aqui dentro e ninguém notar tal presença.

— O que foi que você disse? Repita.

— ...alguém é capaz de ...

— Morar aqui dentro sem ser notado. Isto lhes diz alguma coisa?

— ...hmm...

— Raciocinem comigo. Para que serve a adega?

— Para guardar vinhos.

— Para que se guardam vinhos?

— Para bebê-los quando bem entender.

— Especificamente?

— Datas importantes.

— Comemorações.

— Festas e bailes.

— Festas e bailes!!! E isto lhes diz?

— Diversão!

— Muita comida gostosa!

— Mulheres bonitas!

— Música!

— E dança!

— Não, seus imbecis! Se Lukas e Mariann falassem, com certeza, ambos teriam dado a resposta certa.

— E qual é a resposta certa?

— Fé! Fé! Fé!!!

— Desculpe, Costanos. Mas é um pouco difícil passar pelas nossas cabeças que se guardam vinhos para celebrar missas.

— Digam alguma coisa, Lukas e Mariann. Pelo amor de Deus, digam uma palavra que seja e matem todos.

— O que você está dizendo, Costanos?

— O que tem desaparecido num piscar diante dos nossos focinhos? O que nos fez sair às carreiras do último baile?

— Os de T..

— Ainda há esperança, Lukas e Mariann.

— Que conversa é essa, Costanos?

— Creio que nós fizemos uma grande descoberta hoje. Os de T. freqüentam bailes e os bailes acontecem à noite, os de T. jamais agiram sob a luz do dia, isso dá a entender que os de T. se escondem até o cair da noite. Salões e adegas são como unha e carne.

— Você quer dizer que os de T. se escondem nas adegas até o início do baile?

— Também. E especificamente que os de T. se escondem em locais subterrâneos.

— Alguma relação com o labirinto macabro, Costanos?

— Isto é o que nós vamos descobrir. Lukas e Mariann estão aqui para eu não perder a minha linha de raciocínio. Façam um carregamento de vinho. Nós vamos dar uma festa e um lindo baile num daqueles belos jardins.

— Você sabe o que a Cúpula pensa a respeito daqueles labirintos a céu aberto.

— Sei. E faço crer que à noite todos os labirintos são subterrâneos.

Com o aval da Cúpula a festa/baile ganha ares de acontecimento, pessoas influentes da nobreza e da classe política nas adjacências se deslocariam até o local escolhido por Costanos. Espera-se chamar a atenção dos de T. para tal acontecimento.

— Ninguém, Costanos.

— Certeza?

— Nada. Reviramos a adega de cima a baixo.

— Algum indício de animal?

— Apenas ratos e baratas.

— Cachorros ou lobos?

— Não.

— Verificaram a existência de pontos ocultos nas paredes, chão e teto?

— Não.

— Vocês estão esperando o quê?

...

— Constance! Que surpresa a agradável!

— Eu trouxe presentes para todo o corpo da Estaca.

— Que belo momento!

— E uma missiva para Costanos.

— Do que se trata?

— Alguns membros da Cúpula comparecerão ao baile, inclusive

Constance.

— Você os acompanhará ao baile?

— Não. E eu também não sei qual a fisionomia deles.

— Nenhum detalhe?

— Eu posso identificar a voz de alguns membros.

— Se nós descobrirmos um fica mais fácil de descobrir os demais. Para tanto, minha doce Constance, você teria de bisbilhotar a conversa dos convivas.

— Ou ser tirada para dançar por todos os homens presentes no baile.

— Beleza e graça não lhe faltam para ser convidada a dançar.

— Inclusive por um de T..

— Especialmente... E quanto aos presentes para o corpo da Estaca?

— Trajes para o baile. E os trajes já trazem os nomes de seus respectivos

donos.

— Menos um assunto frívolo a me custar pensamentos.

— Como agirão os soldados durante a festa e o baile?

— O anfitrião tem a sua própria guarda, nossos soldados circularão pelos cômodos da casa, portando facas sob as vestes. Ora Mariann fará a sua segurança durante todo o acontecimento.

— Mariann é uma excelente companhia.

— Eu sei. Ela nunca está comigo no olhar.

— E quanto ao labirinto dessa casa?

— É bonito e fácil de sair.

— E quanto ao labirinto subterrâneo?

— Não é apenas o labirinto que está em questão, haverá um confronto e o que será este confronto? A Cúpula tem ajudado nesse sentido, pessoas influentes fazem parte desta seita, daí pessoas influentes podem manter bons soldados. E quantos seriam? Pelo tamanho do labirinto macabro, de 100 a 300 soldados.

— Tantos assim?

— Mas não tão bons. A Estaca dispõe de 17 excelentes soldados. Lukas e Mariann são excelentes arqueiros, eles estão ensinando os demais a utilizarem o arco e a flecha, desses dez soldados, eu posso afirmar que cinco serão arqueiros medianos. Assim a Estaca passa a dispor de 17 soldados, 2 arqueiros e 5 arqueiros de retaguarda. Isso dá 24 componentes com perda de 5, o total é 19.

— É um cálculo interessante.

— Cálculos de batalhas. Supondo que de 200 componentes, 20 a 30 sejam bons soldados, e que a seita contenha de 2 a 3 pessoas influentes, e que cada pessoa influente mantenha 10 bons soldados, e que cada grupo de 10 bons soldados treinem 100 homens, de cada grupo de 100 homens, 10 a 20 serão soldados aplicados, 60 a 70 soldados medianos, os demais são dispensados. Isso dá 90 componentes com perda de 210, o total é 120. E esse grupo jamais travou uma batalha juntos. E tratando-se de seita, a fidelidade é pouca ou mesmo nenhuma, e se a batalha se tornar encarniçada, cada pessoa influente requerirá a atenção do seu grupo para sair o mais rápido possível, daí os grupos começarão a se matar para salvarem suas peles e alcançarem em primeiro a saída.

— Não está tão ruim para a Estaca.

— Não. Mas a Estaca ainda não tem uma estratégia para encarniçar a vida daqueles crápulas.

— E é a estratégia que torna um exército vitorioso.

— Correto. Mas o sonho de todo general é ter um exército imbatível.

— Uma estratégia imbatível. Existe tal estratégia?

— Diz a lenda que sim. E faço crer que não pertença a este mundo.

— E você conhece esta estratégia?

— Apenas o nome. O escudo de Caim.

— É um nome peculiar.

— Por demais.

— E quanto a sair do labirinto subterrâneo?

— Com certeza, os crápulas influentes e seus soldados mais próximos sabem como sair daquele labirinto muito rapidamente.

— E se os crápulas influentes e seus soldados forem mortos em batalha?

— Eu ainda estou pensando nisso. A Cúpula precisa conseguir um desenho da estrutura do labirinto ou detalhes de maiores relevância.

— A Cúpula está trabalhando nesse sentido, meu irmão.

— Deixe-os trabalhar, minha irmã. Por ora vamos concentrar os pensamentos no baile daqui a alguns dias.

— Eu trouxe um vestido lindo para a Mariann. Mal posso esperar para vê-la vestida.

— Constance, cuidado para não fragilizar o meu soldado.

Acontece uma breve reunião da Estaca antes deles se confundirem com os convivas.

— Certamente o hábito não faz o monge.

— Acabará se acostumando, Costanos.

— Eu já me acostumei com as suas caras feias.

— E quanto a Mariann, meu irmão?

— Você está muito bonita, Mariann.

— Batata! Batatas ficam bonitas, Costanos. Mariann e Constance estão maravilhosas.

— Como quiserem. Mas lembrem-se do motivo pelo qual estão aqui. Breve isso aqui estará repleto de pessoas, temos de tomar precauções. Durante todo o acontecimento, movam-se sempre aos pares. Nunca abandonem o seu par. Vamos formar os pares.

— Mariann e eu!

— Louco! Como fazer par com Mariann vestindo andrajos.

— Andrajos! E você que está se parecendo mais com um bufão do que um lorde.

— Parem! O que deu em vocês agora?! Olhando para mim, Mariann, soldado. Nem um sorriso, mocinha. Agora que vocês descobriram que Mariann é uma jovem mulher?

— Bem...

— Não... é que...

— Nem mais uma palavra. Mariann faz par com Constance. E vocês formam um belo par.

— Ele não, Costanos.

— Como eu posso andar pelo salão acompanhado por um bufão?

— Reis são acompanhados por bufões. Nem mais uma palavra. Os demais dividam-se em pares. E com exceção de Mariann e Constance, os demais se certifiquem de que os cachorros dessa casa estejam sob a luz do dia. Eu me manterei próximo à guarda do anfitrião. Eu espero que ao final, possamos nos encontrar sorridentes e bonachões.

Matizes tais quais chamas sublimando o crepúsculo, latidos esparsos, vozes reunidas atentando para o curso da noite, os corpos movimentam-se ensaiando breves passos de dança.

— Para a adega, soldados! Hei! Hei! Hei, soldados! Para a adega. Vamos.

A barra do vestido de Mariann prende-se a alguma coisa no chão, impedindo-a de seguir.

— Constance!

Constance interrompe o percurso de Costanos, segurando-o por uma das mãos.

— Você está bem?

— Eu não sei. É como eu me sinto.

— Acalme-se.

— Identificou algum membro da Cúpula?

— Não. Você está preocupado com eles?

— No momento, não. Talvez eles nem estejam presentes.

— Acalme-se. Tome um copo de vinho ou tire uma dama para dançar.

— É bem provável ceder ao vinho, eu estou me dirigindo para a adega.

— Cuide-se, Costanos.

— Com certeza. E onde está Mariann?!

— Bem a...

— Onde?

— Eu...

— Onde?!

Círculos e volteios. Sombras salpicando rotos sorrisos embriagados.

— Lá está ela!

— Pelo amor de Deus, Constance! Deixe-me seguir.

Depois de muitas danças e contradanças. Umas e outras divertidas — Constance e Mariann, Mariann e Costanos, Constance e Lukas, Constance e Costanos. Outras e umas receosas — Mariann e Costanos, Constance e um distinto cavaleiro. Lá pelas tantas, Mariann puxa Constance para um canto e carrega o semblante com um sorriso pranteado.

— O que foi, Mariann?

—

— Você quer tirar o vestido? Por quê? Você está tão bonita? É uma jóia desse baile.

—

— Entendo, aprendeu a dançar, mas não se acostumou ao exercício de sorrir em falso. Você deve estar com os lábios doendo de tanto que sorri para os galanteios e convites. Vamos tirar esse vestido. Antes nós temos de avisar os soldados. Vejamos... Lá estão! O bufão e o maltrapilho. Vamos.

—

— Que sorriso lindo. ... Hei, soldados! Mariann quer tirar o vestido.

— Eu a ajudo, com certeza.

— Obrigada. Eu mesma faço isso. Acompanhe-nos.

— Antes nós temos de avisar Costanos. Ele ordenou que o avisássemos toda vez que vocês se retirassem do salão.

— E onde está Costanos?

— Hmm... Ali.

— Está dançando o desgraçado!

— Desgraçado?

— Desculpe-me, Constance. Mas Costanos nos proibiu de tirá-la para dançar.

— Eu sinto muito.

— Olha só o colo daquela mulher.

— ...Como já foi muito bem dito: Eu sou capaz de me perder naquele colo.

— E olhe só aquelas jóias!

— Soldados.

— Jóias preciosas dignas de uma princesa.

— Quiçá de uma rainha.

— Soldados! ... bom... A música mal começou. Ajude-me a encontrar outros soldados.

— Vejamos...

— Lá está o Lukas!

— O sortudo.

— Avisem Costanos. Lukas nos acompanhará.

— Será um prazer descobrir o perfume daquela mulher.

— Perfume?

— Boa sorte, soldado. Mas me parece que ela dança muito mal.

— Como?

— Constance está certa. Veja como ela dança mal.

— O que você está falando?

— Olhe como ela está dançando.

— Parece de propósito.

— Costanos tem muita sorte. Ela está se insinuando.

— Desculpe-me. Eu danço pessimamente.

— E o que você faz de melhor?

— Caçadas.

— Que excitante!

— Nem tanto.

— Perdão.

Costanos. Ou nem mesmo isso.

— Como sabe o meu nome?

— Nós fomos apresentados pelo anfitrião. Não se lembra?

— Eu jamais me apresento com esse nome.

— Não?

— Não.

— Que pena. É um nome tão bonito. Por que aquela menina está correndo?

— Que menina?

A mulher agarra-se a Costanos.

— Elena! Elena! Elena!

— Quem é você?! Quem é você?!

Costanos desvencilha-se da mulher, e se afasta.

— O silêncio é o óbvio do absurdo.

A mulher começa a rir, a rir gradativamente até alcançar um riso possesso entremeado por gritos e gemidos galgando para a histeria; consumindo todas as atenções e olhares. E chega ao fim.

— A beleza é capaz de nos destruir, e é sempre a beleza a primeira a ficar de joelhos. Eu sou sensível a beleza, Costanos da Estaca Divina..

A mulher corre, abrindo passagem por entre os convivas amontoados; deixando para trás convivas com o peito se cobrindo de sangue devido as gargantas cortadas. Dispersão, pandemônio.

— De T.!!! Soldados!!! De T.!!! Vão atrás dela!

Corpos caem nas entradas do salão jogando a turba de um lado para o outro.

— Atrás deles!!!

— Onde, Costanos?!!!

Corpos rolam escadas abaixo, devolvendo a turba para o centro do salão.

— Parem!!! Soldados, comigo! Comigo, soldados!

Ora alguns cães tais quais lobos surgem nos topos das escadas, latindo ferozmente. A turba se agiganta, chegando a derrubar Costanos. Os convivas se atropelam, os corpos caídos pelo chão e nas entradas do salão são pisoteados. Os cães atendem a um assovio. O pandemônio chega ao fim. No centro do salão, apenas os soldados da Estaca e Costanos — este meio que agachado e de joelhos, se mordendo todo de raiva; miseravelmente.

— Aa aaaahhhh hh!!! Aaaaaa aaaahhhh !!! AAAaaa ahhhhhhhh !!!!!!!

— ...Céus.

— São demônios, Costanos. São demônio.

— E pior do que isso... Por que eles têm nos poupado, Costanos?

— Não diga isso!!!

Costanos se levanta, enfurecido com o soldado. E tal olhar também é dirigido para os demais soldados. Então, o olhar enfurecido ganha um fundo de assombro.

— Onde está Mariann? Onde está Constance?

— Mariann teve um problema com o vestido. Constance a acompanhou para algum cômodo da casa.

— Que cômodo? Por que eu não fui avisado?

— Nós estávamos nos dirigindo para avisá-lo e foi quando a confusão começou.

— Constance disse que Lukas as acompanharia. E se este às suas costas for Lukas...

— Sinto muito, Costanos. Elas não chegaram até nós. Aos gritos de de T., Lukas e eu corremos direto para a adega. E ninguém está ou estava lá.

— Subam! Olhem cada um dos cômodos dessa casa. Eu fico de guarda no salão. Enquanto isso eu vou ajuntando esses corpos. E avisem-me assim que as encontrarem.

— Não é bom você ficar sozinho, Costanos.

— SU - BAM! E depressa.

Revirando corpos, arrastando corpos, ajeitando corpos, recompondo corpos, tornando-se insuficiente. Atendendo a um assovio canoro, os fantasmas da floresta de uma jovem inconsciência começaram a fazer parte de uma madura realidade ordinária. A inconsciência é sempre sempre jovem.

“ *Os lobos voltaram.* ”

— Os lobos jamais se foram.

— Costanos! Costanos! Encontramos algo!

Costanos atendendo a um reflexo, corre escada acima.

— O que significa isso? De quem é esse vestido manchado de sangue? Vocês entraram nesse aposento?

— Não.

— Chame os outros.

Costanos avança e arranca o vestido ensanguentado pregado contra a porta do aposento, e o entrega a um soldado. No interior, sobre a cama um corpo de mulher seminua, Mariann encontra-se desfalecida numa cadeira próxima a cabeceira, com o colo manchado de sangue.

— Mariann!!! Constance!!!

Costanos, aflito, procurando socorrer a ambas simultaneamente, acaba socorrendo a ninguém.

— Ela está morta. O coração foi trespassado.

— Não... não...

— Mariann está viva!

— Mariann!

Mariann apresenta duas perfurações próximas ao seio, similares a de uma mordida.

— Constance, não morra! Não morra. Você é tão bonita, Constance.

— Não é Constance, Costanos.

— Como?

— Não é Constance, Costanos. Não é.

— Não é mesmo, Costanos. Olhe bem para ela.

— Mas eu conheço esse semblante. Eu já o vi antes. Eu sei que eu já o vi antes. É como se eu já o tivesse visto mil vezes.

— Onde, Costanos? Onde?

— Não pode ser. Não pode ser. ...não...

— Onde, Costanos?!

Costanos começa a chorar contra o colo da jovem seminua.

— Elena!!!

Mariann desperta assustada. E logo é recebida dentro de um abraço por Lukas.

— O que aconteceu, Mariann? Onde está Constance? Diz? Diz p'ra mim? Diz... Eu tenho ouvido o seu sorriso. Eu tenho ouvido o seu sorriso.

— Vamos, Costanos. Um de nós a carrega...

— Eu mesmo a carrego!

O vestido ensangüentado acompanha os soldados da Estaca. No topo da escada, de vista para o salão, mais um motivo de assombro, um bando de cães tais lobos ataca um dos corpos. Lukas se adianta na intenção de afugentar o bando, outros dois o acompanham aos gritos e berros. O bando se dispersa na entrada do salão. Lukas pára diante do corpo, os outros dois continuam gritando e berrando até a entrada do salão. Súbito, o corpo atacado pelos cães lança-se contra Lukas, derrubando-o no chão e aproveitando-se do imprevisto para estrangula-lo. Uma faca atirada atinge o ombro do corpo sobre Lukas, e este com mais um golpe o joga contra o chão. Sem demora, com a aproximação da Estaca, o corpo sai às carreiras, de encontro a uma janela, estilhaçando-a. Lukas segue na mesma direção. Os soldados junto a porta de entrada correm no encalço de Lukas. A Estaca ganha o jardim da casa.

— Lukas entrou no labirinto atrás do de T.!

— E também um bando de cães atrás deles.

O corpo da jovem seminua é embalado dentro de um sonho do qual não se quer despertar.

— Eu sei como sair do labirinto mais rápido. Segure-a.

— Cuidado, Costanos.

— Eu volto. Podem contar com isso.

Costanos adentra o labirinto, mas ainda não o tinha feito durante a noite. E começa a correr a esmo, de um ponto a outro. Os cães começam a dar sinais de presença e proximidade, latidos e o som das batidas das patas numa corrida pesada. Costanos concentra forças e dirige seu olhar para as estrelas, procurando encontrar Deus ao fundo. E maravilha-se por pouco, os cães começam a rosnar e a latir como se preparassem para atacar. Segue-se o som horripilante de rosnados e mordeduras.

— Lukas! Lukas! Lukas!

As batidas das patas soam mais pesadas, dando a impressão de estarem subindo as paredes do labirinto. Ora acostumado com a sombra e encorajado pelo silêncio, Costanos chega até Lukas, encontra-o desfalecido, o sangue se faz sentir em contato com as vestes.

— Desgraçados! Não de novo. Não de novo. Agüente firme, Lukas. Você é forte, a fé lhe sobra, agüente firme. Veja! Olhe que céu bonito.

— É realmente maravilhoso.

— Quem disse isso?

...

— Vamos apareça! Apareça de T. desgraçado! Apareça!!! Está me ouvindo?!!!

— Costanos começará a pegar fogo e desta vez ele não despertará.

— Vá embora!!!

Costanos eleva o corpo de Lukas nos braços, mas não tem forças para dar mais do que meia dúzia de passos. E cai de joelhos, cerrando os olhos. Os olhos se suavizam, Costanos se entrega a uma prece. Os olhos se abrem para o céu. As estrelas estão lá, mas ele pressente uma coisa desagradável, destoando do fundo, uma cor, uma luz amarela que se intensifica, tipicamente produzida pelo fogo. Eis que surgem as línguas de fogo caindo sobre Costanos.

— Costanos! Costanos!

— Não!!!

Costanos desperta.

— Com o se sente, Costanos?

— Eu estou morto ou vivo?

— Você está vivo.

— Então deixe-me morrer, depois eu acordo.

Costanos fecha os olhos.

— É bom estar morto.

— Acorde, Costanos.

— Quem disse isso?

— Disse o quê?

— Onde está Mariann?

— Ela está fazendo companhia a Lukas em outro aposento. Lukas foi mordido pelo corpo todo, uma semana ou duas para se recuperar. Constance está

bem. Ela deixou uma missiva. Com a confusão causada pelo de T., dois membros da Cúpula se apresentaram, então Constance os acompanhou.

— O que ela disse a respeito de Mariann ter sido atacada pelo de T.?

— Nada.

— O que Mariann disse a respeito de ser atacada? Deixa estar! Eu mesmo pergunto a ela. Eu estou vestido?

— Está tudo aqui. Nós o esperamos do lado de fora do aposento. Aqui está a missiva deixada por Constance.

...

— O que aconteceu no labirinto?

— Costanos se demorou, nós vimos os cães descendo das paredes do labirinto, e fizemos o mesmo. Apanhamos algumas tochas e subimos as paredes do labirinto.

— Estupidez pularem sobre mim com todo aquele fogo.

— Não nos ouviu gritando por vocês, Costanos?

— Eu estava com Deus nos meus sentidos..

— Deus tem se mostrado um péssimo ouvinte, tanto para você quanto para qualquer outra coisa, Costanos. E o mesmo não se pode dizer das pedras.

— Quem?! Quem?! Quem diss...

A porta do aposento é aberta.

— Algum problema, Costanos?

A carta é colocada debaixo do travesseiro. A porta é novamente fechada. Costanos observa as paredes e o teto do aposento, se engraça com um voto de fé esculpido no mármore e começa a salivar sangue pelos cantos da boca.

— Eu adoro lobos! Que sorriso bonito. Digo o seu Mariann. Ambos têm sorrisos lindos. Vocês acabarão me matando, Lukas e Mariann.

Costanos acompanha o enterro da jovem encontrada no aposento.

— O que Constance disse a respeito de Elena?

— Ela é mesmo Elena?

— O que ela disse?

— Ela chegou num pé de vento e se foi noutra pior ainda.

Costanos esclarece ao dono da casa e as pessoas influentes a respeito da confusão ocorrida na noite passada, omitindo a existência da Cúpula da Estaca Divina. E pede auxílio para poder destruir os de T.. E como primeiro auxílio, Costanos pede para que seja construído um labirinto, não de tamanho natural, mas de

altura até os joelhos de um homem; cujas saídas desembocassem num círculo capaz de suportar uma fogueira e homens ao redor dessa fogueira. E revela àquelas pessoas que os de T. possuem hábitos da nobreza e um desses hábitos é o de guardar objetos valiosos de toda parte do mundo. Sem deixar de reavivar a lembrança dos presentes para as belíssimas peças usadas pelo de T. no baile. Jóias, moedas de ouro, diamantes e afins confinados em baús pesaram na decisão daquelas pessoas em auxiliar Costanos com as despesas no embate contra os de T..

— Lembrem-se de quando vocês eram crianças e faziam das suas artes, e essas artes os levavam até Deus. Um tempo quando tinham fé e nem se davam conta disso. Saírmos de tal labirinto por nós mesmos, seria bravata! Os animais e bestas vieram antes do homem. Tenhamos fé. Quando nos encontrarmos diante do labirinto macabro alguém irá orar por nós.

—] ... [E tais orações serão esquecidas.

— Quem disse isso? Quem disse isso?!

— Ninguém disse nada, Costanos.

— O que está acontecendo com você, Costanos?

— Deixe estar. Vamos pensar apenas no nosso ofício. Lukas e Mariann coloquem-se na entrada do labirinto.

Num certo anoitecer, a Estaca recebe a visita de outro mensageiro, uma bela jovem. Logo ele é encaminhado para a área da construção do rasgado modelo de labirinto. Junto a fogueira ao centro, na presença de Costanos e dos demais soldados, o mensageiro reduz a carta a papel picado. O vento e o fogo atuam na consumação da missiva dentro dos domínios do labirinto.

— O que significa isso?

— Esqueça o labirinto macabro. Essa é a mensagem.

— Não pode ser.

— Esqueça o labirinto macabro.

— Eu escreverei à Cúpula.

— Sua missiva não terá fim diferente da qual eu acabei de entregar.

— Deve haver uma explicação, creio eu?

— É óbvio.

— E qual é a explicação?

— O silêncio.

] [

— A carta que Constance me deixou tinha duas palavras e um ponto. Apenas papel em branco. E eu nem a li. (sorriso) Eu comecei a entregar missivas com esta mesma idade. Como você se chama, mocinha?

- Chamam-me Faith.
- Faith.
- Lukas.
- Mariann.
- Sorrisos com fim em falas. É tão bonita, Faith.
- Boa noite, Costanos.
- Ocupem seus lugares no labirinto, soldados.
- Boa noite, Estaca.
- Faith !!!
- Somos de T..

Sombras se conjugando a noite, lâminas refletindo clarões de sóis e estrelas. Silêncio esmaecido. Apenas o vento e o seu sopro gelado evitando o crepitar da lenha e condenando o sangue derramado a jamais se manter aquecido.

E ganham a cena do mundo as sombras desposadas pela noite.

Patologia educativa: Compreendendo os de T.

Dizem que os de T. se fizeram aparecer depois de se colocarem ao pé da Cruz e vieram para subtrair da morte, do ato de morrer ou de se matar toda a carga horrenda, gratuita e desonrosa. Os de T. adotaram a imagem do vampiro para serem caçados, e para suas vítimas serem vistas como caça. Todos os de T. são caçadores. Os de T. de particularidades masculinas dividem-se em: nato e original. O nato adapta-se a idéia de tomar parte do humano; respondem a impulsos/estímulos e atendem ao instinto adquirido. O original em nada se aceita humano; respondem a experiência adquirida, atentam a razão e atendem aos vícios do instinto adquirido e do instinto inato. Os de T. de singularidades femininas são assassinos; vislumbram uma nobre sanha no olhar e trazem nos lábios o mais doce dos sorrisos, primam pelas linhas de ferro e o ventre expandido. Os de T. originais dão formação às assassinas e as assassinas concebem os de T. natos. As assassinas são formadas via posseção: (Psique e Persona, um pelo outro); e os natos são concebidos via transferência: (O que não é, está). A colação acontece apenas entre o original e a assassina. A formanda é habilitada aos Jogos de lobos e agraciada com o beijo de arame farpado. O jogo sustenta a condição de predador e o beijo absolve aquilo que não pode ser. O beijo consiste em cada qual morder com força uma ponta de um arame farpado ou similar (de 27 a 39cm); com ímpeto as cabeças são impelidas para trás, e ambos de joelhos a beira de um precipício, no centro de um lago, ou em mar aberto, cabendo ao original erguer a assassina depois dela se colocar dentro do precipício, lago ou mar; até se mostrar o colo. Colo à vista, a assassina se mostra condescendente em unir forças. E ainda com o arame dentro da boca eles trocam um beijo cheio de cuidados e delicadeza. E meio aqueles instintos e a lucidez advinda das trevas, das águas e do sangue, o beijo se mostra comovente e engraçado. São predadores. São dos piores. Os de T. originais e assassinos se tornam hostis apenas durante o período de acasalamento, daí se dá a sangria desatada. Entenda-se tal hostilidade como sendo uma sensibilidade a flor da pele e quando descaracterizada torna-se uma rejeição atroz; e por acasalamento, uma troca de carinho corporal entre um original e uma assassina; entre uma assassina e um nato; entre um original/assassina e um ser humano querido, ou entre um original/assassina e um ser humano via uma transferência possessiva: (O que não é Psique, você; está um pelo outro Persona, nós). Os de T. estão fora da multiplicação divina, a aparente reprodução se dá via concepção das sombras. Tal qual Deus, os de T. são amantes de primeira.

A ótica de T.

A luz do sol acidenta-se ao alcançar a Terra. Numa rápida alusão, de mais minutos para ter uma definição e minutos de menos para ser compreendida, segundos caóticos e energéticos milionésimos de segundos cerzindo o espaço-tempo; nesse ínterim, o estado passado torna-se intermediário entre os estados presente e futuro. Consequente a isto, a consciência em tempo real: *a faculda de de admitir um evento presente (ser) e um evento futuro (estar) ocorre rem simultaneamente*. Num ato de boa-fé conjugado a um ato romântico (olhar para o Céu + apreciar um céu sem estrelas até o amanhecer), evidencia-se no princípio de métricos 8 minutos:

Eu - Sombra - vácuo - Espírito - Semelhança - Imagem - Reflexo - Luz - vácuo
sombra - Imagem - vácuo reflexo - segmentos de semelhança - vácuo luz - sucessão
de imagens - Inferno - Aparente - Nada - Tudo - D'eus - Mim.

Anterior a tudo se tem a sombra. A imagem se beneficia do futuro, a semelhança se beneficia do passado, o reflexo se beneficia do evento aparente. Precedente ao todo se tem a luz.

A ótica de T. chega a perceber, interagir, traduzir:

Fora de mim - Sombra - Trevas - Luz - Sombra - Semelhança - Imagem - Sombra
iluminada - Imagem - Sombra - Trevas - O horror - Deus às sombras - D'eus em
trevas - Inominável.

O sol nasce às costas de T. e jamais, jamais se põe.

A assimbolia de T. - O eterno período de acasalamento.

Concepção das sombras — de T. original

de T. original — assassina. (Possessão)

Assassina — de T. nato. (Transferência)

Assassina — assassina original. (Possessão, Transferência, Jogos de lobos)

Assassina original — de T. nato original (Transferência possessiva, Jogos de lobos)
(masculino e feminino)

Assassina original — de T. assassino (Jogos de lobos) (masculino e feminino)

Na impossibilidade de serem infelizes, os de T. matam-se uns aos outros. Os de T. não carregam espíritos, não há desejo em suas carcaças. Engraçam-se com os dizeres: Seria triste, não fosse pela beleza.

Por ofício, os de T. frequentam bailes e festas; por princípio os de T. ouvem orações diretamente na Casa de Deus, de onde costumam conseguir adeptos e assim manter a sua estirpe.

“Ora não se sustentam os sinos. Ora não badalam os sinos. Ora derretem os sinos de bronze, de ferro, de prata, de ouro. Derretem os sinos. Ora somente os sinos de cristais badalam no Inferno e badalam somente para os de direito. Portões fechados.”

Patologia elucidativa: De sígnios.

Rainhas e Deus. Apenas as rainhas deitam-se com Deus nas graças de fazerem amor; desde mocinhas. E apresentam-se Deus no intuito de crescerem em sabedoria; as graças entregues. As rainhas sempre atendem suas vontades; as graças de fazerem amor com sabedoria. Revelam-se Rainhas e Deus, fora a fora de linha.

Contam...

— Nosso primo está de volta.

— Quando ele chegou?

— Pouco mais de uma semana.

— E ele nem veio nos dar saudações.

— O Rei já tem um herdeiro, minha rainha.

— Eu sei o que significa. Deus! Olhe só aquilo.

— É o furor da batalha!

— Esses jogos antes das batalhas estão cada vez mais violentos.

— Nossos inimigos também.

— Bárbaros!

— Como os estômagos, minha rainha.

— O meu estômago é o do jejum e não o da fome, majestade.

— Eis que te apanho, minha rainha! Existe um jejum capaz levar a uma fome pior ainda.

— E que jejum é esse?

— O jejum do amor.

— Eu sou muito bem casada e tenho dois lindos filhos.

— E ainda plena de juventude. Você me ama, minha rainha?

— Como eu não poderia amar o Rei?

— Todos os súditos amam o Rei. Todos os súditos são meus. Daí, eu sou o Rei.

— Não basta morrerem no campo de batalha?

— Eles não têm permissão para se baterem até a morte. É apenas um jogo para deixarem de lado os temores da batalha.

— Talvez eu saiba disso, mas custo a crer. Veja o sangue escorrendo da cabeça daquele soldado, não me diga que ele está feliz por receber aquele ferimento?

— Tire suas próprias conclusões. Acenarei para que nosso primo se aproxime.

— Deixe estar, majestade.

— Tarde demais. Parece-me que o nosso primo se tornou um incômodo?

— Não, pelo contrário. É sempre uma companhia das mais agradáveis. Eu estava querendo privar-me de vê-lo coberto de sangue. Perdê-lo numa dessas batalhas será muito doloroso.

— Começo a sentir uma pontinha de ciúme.

— Não seja tolo, majestade.

— Eu espero que não.

...semelhança.

— General.

— Rainha.

— Esses jogos não estão muito violentos, general?

— Por certo. Mas não se compara com a carnificina de uma batalha. E creio já termos conversado a respeito, Rainha.

— Custa a crer, felizmente tais conversas não me tomam o espírito.

— E há tempos que nosso primo não nos faz companhia.

— Isso lá é verdade.

— Ocupações do ofício. E nem tanto ausente, majestade.

— Se assim for, o general poderá me mostrar o tamanho do meu mais recente filho. Não tenho lembranças do general chegar a vê-lo.

— ... É uma menina. Já anda sozinha na direção dos braços da rainha, ambas sorridentes. E deve estar deste tamanho. E é linda, ambas são.

— Você é o fantasma que anda rondando os cômodos do castelo, meu primo?!

— Alguma criada deve ter dito a ele. O General é muito popular entre as criadas e mulheres em geral, desde quando ele era uma criança e mesmo um bebê.

— E chegou-me aos ouvidos que o meu primo estava num jejum secular.

— Há muito eu não recebo mulheres da forma como está pensando, majestade.

— Então, é verdade.

— Por certo.

— E como é capaz de confirmar uma coisa dessas?

— E por que não?

— Demonstra sensibilidade, General. Algo que não se admite entre homens.

— Só falta chorar, meu primo.

— Pode-se saber o porquê desse jejum?

— Eu estou me preservando para um grande amor.

— É engraçado. Custa a crer, mas é a verdade que não me abandona o espírito, primo.

— Resposta de uma mulher que dignamente procura evitar certos compromissos, General.

— Eu ouvi tal resposta dos lábios da minha mãe. E ela estava chorando.

... imagem.

— Majestade, Rainha, permitam-me que eu me livre de todo esse sangue.

— Pode ir, general.

— E o aguardamos para o jantar. E nem pense em não comparecer.

Portas.

— Isto não pode ficar assim.

— O quê?

— Na iminência de uma batalha, na iminência de ser morto, o General me perturba com isso de estar se preservando para um grande amor.

— Não sei o que quer dizer, minha rainha.

— Ele pode estar amando uma mulher e não sendo correspondido. Quem sabe o General se apaixonou por alguma dama ou mesmo uma princesa de outros reinos e se encontra impedido de ver tal amor florescer.

— Não conheço um só Rei que não daria sua filha em casamento a tão honrado general.

— Nós temos de fazer alguma coisa.

— O que deu em você?

— Um mau presságio a respeito do General e a iminente batalha. Precisamos arranjar um a mulher para ele. O General tem de se deitar com uma mulher antes de partir para a batalha.

— Que idéia absurda.

— Eu mesma cuidarei disso.

— Hei! Nós estamos tendo um diálogo?

— Desculpe-me, majestade.

— Por que isso agora?

— Como foi que o pai e a mãe dele morreram.

— Eu não sei. É passado.

— Eu preciso saber.

— E eu preciso saber se nós estamos tendo um diálogo?

— ...sim, majestade.

— Por quê?

— Ora instalou-se um vazio no meu peito com relação ao General. Se o General não se deitar com uma mulher, impeça-o de ir para a batalha, majestade.

— Que estória é essa?

— Eu não posso perdê-lo. Eu não posso perdê-lo.

— O quê?!

— ...

— Cuidado, rainha. É melhor para todos que nós mantenhamos um diálogo aberto. Ele é um general muito bem apessoado. Tome cuidado com esses seus afazeres de arranjar-lhe uma mulher. Não faça a pontinha de ciúme se transformar numa lâmina envenenada pela inveja.

Janelas.

— Majestade.

— Primo. Junte-se a nós.

— General.

— Rainha.

— Beba, primo. E tome partido da nossa conversa sobre fantasmas. Os cavalheiros concordam tratar-se de encontros amorosos dos criados; as damas apontam para um ancestral morto tragicamente querendo repouso para o seu espírito. Eu não tenho lembranças de nenhum ancestral que tenha morrido tragicamente. Alguma coisa a acrescentar, primo?

— Descobriu-se em outros reinos tratar-se de aberturas na estrutura dos castelos. Com o passar dos anos, a estrutura se desgasta fazendo surgir frestas e vãos; a passagem do vento por essas aberturas produz uma variedade de sons capaz de ser o que o estado de espírito quer que seja. Se o estado de espírito é ruim, é de se esperar coisas ruins. Se o estado de espírito é bom, algo de bom é de se esperar dos sentidos. Faça uma reforma no castelo, majestade, e os fantasmas desaparecerão.

— Reformas me assustam, primo.

— Existem reformas e reformas, caro Rei. Ao vencedor as batatas.

— E no escaldar das batatas, inexistem, pontífice.

— Não se escalda batata, caro general. E pontífice é um exagero, eu sou apenas um homem do Clero.

— Daí as reformas inexistirem, homem do Clero.

— Vamos deixar de lado essa conversa. E voltarmos ao nosso assunto. O que tem a nos dizer o mestre de obra. Você concorda com o meu primo?

— Creio que eu devo concordar com o general. O espírito nos prega muitas peças. E também devo concordar com os fantasmas concebidos pelo vento. Uma reforma seria de muito bom grado.

— Pois que se faça a reforma. E livre-nos desses fantasmas por um bom tempo.

— É muito bem acertado, meu Rei.

— Se o Rei me permite uma observação.

— É um excelente observador, clérigo.

— Creio que nós podemos contar com uma morte trágica. Não ocorreu dentro do castelo, mas com alguém que morava dentro do castelo e deixou estas terras na calada da noite para nunca mais voltar. Quem sabe o espírito desse alguém procure encontrar a paz nesse castelo.

- É assustador, clérigo. E quem seria esse alguém?
- A mãe do general aqui presente.

Portas.

— Vá atrás dele. Não o deixe sozinho. Diga que foi a rainha que pediu para você lhe fazer companhia. Ainda está aqui por quê?

— Como desejar, alteza.

— Isto foi uma afronta, não foi, clérigo?

— Meu primo há muito já não é mais uma criança, minha rainha.

— Eu não sei. E o que o clérigo sabe?

— Sei o que sei, encantadora rainha.

— Conte-nos mais.

— Não é um assunto para este momento, encantadora rainha. Como deixou bem claro o general, durante a noite, o estado de espírito faz com que os sons caíam em graças ou desgraças. E no caso, certamente cairiam em desgraças.

— Que tal amanhã com o dia já firmado?

— Estou de partida pela manhã.

— Não pode me deixar nesse estado, clérigo!

— Minha rainha, esse homem entende mais de espírito do que qualquer um de nós aqui presente. É passado, vamos esquecer essa conversa.

— Majestade, esse homem também tem o dever de apaziguar espíritos atormentados. E atormentada eu me sinto neste momento. Apenas mais uma palavra, clérigo. Como ela morreu?

— Direi apenas que a mãe deu as costas para a Luz. Permitam-me, Rei e rainha.

— Nós o acompanharemos, sumo sacerdote. Se o Rei nos permite, nós gostaríamos de ter a benção do sacerdote com relação as nossas bandeiras.

— É uma ótima idéia. Podem ir, mas voltem.

— Rei, rainha.

— E os demais comam e bebam. Louvem o Rei com alegria e alegorias. Não é para isso que nós estamos aqui. ... E a rainha não gostaria de se recolher para um breve descanso?

— Nesse estado. Não conseguirei sequer pregar os olhos durante a noite toda.

— Malefício!!!

O homem do Clero se volta tempestuosamente para as figuras do rei e da rainha. {Portas}.

— Você é virgem?

— O que disse, general?

— Chegue mais perto. Posso sentir as suas vibrações através do ar, mas eu prefiro o vento me trazendo hálitos melífluos ou encarniçados.

— ...

— Você disse que a Rainha a fez vir para me fazer companhia.

— Sim.

— Simples perguntas, simples respostas. Você é virgem?

— ...

— Ou está acostumada ao termo donzela?

— ... O general está me embaraçando.

— E o que você esperava ouvir?

— A sua voz e os meus sorrisos bobos.

— E o que espera ouvir agora?

— Apenas o meu silêncio de sepulcro.

— O pudor é a arma que torna um exército imbatível. Deus sabe disso. O pudor é algo único que liga as mulheres entre si. Deus também sabe disso. E tem obtido péssimos resultados na escolha de homens para compor o seu exército. Deus também sabe que um exército imbatível sempre acaba de joelhos. ... Quanto ao seu silêncio de sepulcro, acabará sentindo lágrimas caindo sobre a sua lápide.

A dama de honra consegue sorrir aliviada. {Janelas}.

— Primo!

— Majestade.

— Espero que o primo tenha tido uma conversa agradável.

— Das mais agradáveis.

— Eu posso saber sobre o que conversaram?

— Exércitos, majestade.

— Não é um assunto que se deva ter com uma mulher.

— Ficaria surpreso com a nossa descoberta.

— Eu posso saber?

— Deus deu ao Rei um exército imbatível.

— Palavras suas.

— Próprias de Deus, majestade.

— E onde está esse exército?

— Pregado numa cruz para que todos os reinos tenham exércitos imbatíveis.

— Primo! Que o clérigo não ouça mais essa.

— Mas eu ouvi, caro Rei.

— Estou começando a crer que Deus existe.

— General!!! Eu não comportarei inimizades entre tu e o Clero. Eu não admitirei inimizades entre tu e Deus. Saiam todos! Eu preciso ter uma conversa a só com o clérigo.

— ...

— O general segue sozinho. Creio que a rainha queira ter uma conversa com tão primada dama.

— É da vontade da Rainha, alteza o Rei.

Janelas.

— Alteza.

— Por que você demorou tanto? Conte-me logo!

— De toda a criadagem do castelo, eu encontrei uma criada que é neta de uma criada que prestou serviços diretamente a mãe do General.

— Que maravilha!

— Nem tanto, alteza.

— O que foi? A criada está morta?

— Não. Aparentemente morta. Ela encontra-se reclusa. Não recebe visitas e despreza a nobreza.

— Trivial. Então, o único problema é ela não receber visitas. Você pode ir até lá e tentar conversar com a criada.

— Esse foi o motivo da minha demora. Eu já estive lá, alteza. A criada me recebeu aos gritos, gritava para eu sair logo de lá. Eu insisti, disse que estava em nome da rainha, aí ela cuspiu nos meus pés. E eu corri de lá quando ela me olhou com o branco dos olhos. Eu morri de medo, alteza.

— Eu tenho de falar com essa criada. De qualquer jeito.

— Ela não a receberá, alteza. Tenha certeza disso.

— ...

— ...

— Então, agiremos com sabedoria. O que nós sabemos? O General é muito popular entre as mulheres desde criança e mesmo bebê.

— Quem lhe disse isso, alteza?

— O Rei.

— Então, a popularidade do General ainda criança se resume ao Rei e aquela velha assustadora. Os demais estão todos mortos.

— Mortos.

— E o clérigo, alteza?

— Nada confiável.

— ...

— O Rei e o General praticamente cresceram juntos. O Rei é muito vago com relação ao passado. O General não tem conhecimento da morte de sua mãe.

— Ele levantar-se daquela forma e sem pedir a permissão ao Rei para tanto demonstra que ele sabe de alguma coisa, alteza.

— Com certeza.

— O Rei e o General são primos.

— Não. É apenas uma forma carinhosa do Rei se dirigir ao General. Parentesco nenhum.

— Qual a razão do Rei se dirigir dessa forma carinhosa, alteza?

— Respeito. É um General e tanto e nada lhe falta de um Rei.

— Quem é a mãe do General, alteza?

— ...

— Simples questão, simples resposta. Uma de nós duas tem de se deitar com o General, alteza. Eu não vejo como não ser a primeira. Precisa se alimentar direito, alteza. Desde que o Rei não a autorizou a veros Jogos de Batalhas e que o General não adentra o castelo, a Rainha não tem se alimentado direito. E as noites passadas com o Rei a têm deixado à míngua.

— Eu não tenho passado as noites com o Rei da forma que você está pensando. O Rei se manifesta admiravelmente com o sangue brotando dos corpos dos seus soldados. Mas não com o sangue minando entre as pernas de uma mulher já mãe manifesta. E você se apresente a velha assustadora mais uma vez, ora em nome do General. E eu estou faminta, dama de honra.

— Imediatamente, alteza a Rainha. Um banquete, minha Rainha. Eu tenho visto o General todos os dias, muito muito bonito. Eu aceno e faço sorrir bobamente.

— O que nós estamos pretendendo fazer, dama de honra?

— Não é o que nós pretendemos fazer, alteza. É o que nós somos.

— E o que nós somos?

— Dos piores. Um exército imbatível.

— Rainhas e Deus.

Janelas.

— Você de novo!

— Senhora, não grite comigo. Eu ape... E foi a sua neta que me deixou...

— Deixa estar, dama de honra e confidente. A minha neta me abriu os olhos. Deve ser algo importante.

— E é. Eu gostaria de saber a respeito da mãe de um dos generais do Rei?

— Eu não conheço os generais do rei.

— A senhora serviu a mãe desse general. Ele e o Rei cresceram juntos. E segundo disse o clérigo, a mãe deu as costas para a Luz. O que isto significa, senhora?

— O que lhe parece ser, dama da rainha?

— ...

Janelas.

— Co ma e beb a mais um pouco, General!

— Creio que é o bastante. Bebi vinho o suficiente para manter os meus pensamentos agradáveis.

— Pensamentos, General! Poupe-me como Deus tem me poupado, General! Depois do vinho meus pensamentos agradáveis são de carne e ossos mentindo para mim, se aproveitando de mim, mas naquele momento me fazendo feliz. Depois eu bebo mais vinho e vou matar ou morrer pelo Rei.

— E a batalha está próxima, General.

— E sendo claro como o dia, o General precisa de uma mulher.

— E quem não precisa, cavalheiro?

— Eu não. Eu prefiro uma batalha ao amor de uma doce e bela mulher, na batalha a morte é menos dolorosa.

— E que bela e doce mulher iria se apaixonar por um mondongo feito você!

— Cale essa boca!

— E eu disse alguma mentira?!

— Cavalheiros, mantenham os ânimos! A batalha está próxima e o Rei precisa de cada um de vocês. Vejo-os nos jogos de amanhã. E quanto a sua bela e doce mulher, cavalheiro, a multiplicação divina lhe garante uma que seja, e ela ser bela e doce dependerá dos seus talentos e das artes dela.

— Mais luz, General! O vinho abrasa nossas visões.

— Isto significa que se um homem crescer amarrado ao tronco de uma árvore, sem nunca ter ido a parte alguma ou nunca ter conhecido alguém, a multiplicação divina fará com que um a mulher acabe encontrando esse homem, eles se conhecerão, se casarão, terão filhos e por aí em diante. Particularmente, eu considero a multiplicação nesses termos; hedionda. É toda em função da maternidade, privilegia quem chega primeiro. E que direitos tem o amor com relação às mulheres? Bebam, cavalheiros.

Portas.

— Coma e beba algo.

— Apenas o vinho, alteza.

— E então?

— A velha me recebeu. E me contou a respeito da mãe do General. A Rainha a trouxe de outros reinos, simplesmente encantou-se com a filha de uma de suas criadas. Segundo a senhora me contou, tratava-se da mais amável das damas, os homens chispavam-se na presença dela. E ela acabou se casando com um soldado de pouca projeção, o casamento fez com que o soldado começasse a se destacar entre os demais, mas o pobre coitado não alcançou a posição de general, morreu numa batalha dessas, a esposa ainda trazia o filho no ventre quando da morte do pai.

— Eles se amavam?

— Ele a amava muito, ela o amava, mas a senhora deixou transparecer que ela tinha muito mais amor para dar.

— Um amor sincero para encobrir um grande amor.

— Com a gravidez, ela passou a não suportar a presença do marido. Ela não chegava a maltratá-lo, mas implorava para que ele a deixasse a sós. E o pior que quando longe do marido, ela se sentia muito feliz, alegre e viçosa. Tudo na gravidez a agradava. Com a morte do marido, ela se fechou com o filho dentro de pensamentos muito doces, lhe garantindo amáveis sorrisos. O bebê nasceu, ela o abraçou e o beijou, mas não sorriu nem chorou. Depois de recuperada, ela cumpria seus afazeres de mãe, mas mantendo distância do bebê.

— Ela não amava a criança?

— Amava muitíssimo, alteza. Ela amava muitíssimo o seu filho, mas não nesse mundo.

— ...

— Ela se encontrava serenamente perturbada. Ligeiramente melancólica. Maravilhosa. Transparecendo, em parte, a beleza do mar profundo.

— Mar profundo. Eu tenho negligenciado o mar.

— Ambas.

— Conte-me mais.

— Antes do bebê começar a dar seus primeiros passos, ela recebeu um convite para comparecer a um casamento no seu país de origem. O coração dela se encheu de contas marinhas. Animada, ela insistiu com a rainha para fazer a viagem atravessando o mar... Noite alta. Lua cheia. Mar aberto. A mãe chorou sobre a cabeça do seu filho, como ninguém ousara chorar, manifestando em si a maior afronta contra a imagem de Deus. E cortou sua garganta e deixou-se cair no mar.

— Que pesadelo! E a criança?

— A criada a estava segurando nos braços. A primeira, e é muitas outras ela mesma.

— E como o General ouviu tais palavras dos lábios de sua mãe, sendo ele ainda uma criança de colo?

— Começou. O primeiro, e é muitas outras ele mesmo. O General sabe quem é o General.

— Quem é o General?

— Qual o significado da mãe chorar sobre a cabeça do seu filho?

— ...?

— E a insone senhora respondeu: Isto é algo para eu saber e vocês descobrirem. E não vejo com o não se lamentarem muito nesse mundo.

Portas e janelas.

— Eu atrapalho, General.

— De forma nenhuma. Entre.

— Faltam três dias para a batalha. Os Reis já chegaram a um acordo?

— Ainda não. E eu já não conto mais com os Reis.

— É de se lamentar.

- Por quê?
- Muitos morrerão.
- Ninguém é inocente.
- Eu sou.
- É mesmo inocente?
- Sim.
- Chegue mais perto.
- ... O quê?
- ssscchiiii... Não fale.
- ... eu...
- ssscchiiii...
- General...

Sombras.

- Dama de honra. Eu a estou procurando o dia inteiro feito uma louca.
- Deixe-me.
- Dama de honra! Dama de honra! Dama de honra!
- Não se aproxime, alteza! Não se aproxime!

A dama de honra, às carreiras e com a Rainha nos seus calcanhares, perde-se nos corredores do castelo.

- Dama de honra! Receba-me. Com o foi o encontro com o General?

A Rainha caminha lentamente, sentindo-se observada pelos escuros vãos dos corredores.

- Dama de honra? ... Ahhhhh!!!!!!

Subitamente a Rainha é abraçada pela dama de honra. A Rainha se debate, mas acabam se encontrando face a face, com a dama de honra insinuando os lábios.

- Rainha.
- Solte-me.
- Rainha.
- Solte-me.
- Rainha.
- b...

— Não devia ter me convencido a tratar de assuntos que dizem respeito apenas a Rainha.

A dama de honra desfaz o abraço. A Rainha se afasta um pouco.

— O que aconteceu?

— Não pode ver? Não pode sentir?

A Rainha se ocupa da figura da dama de honra, e passa a se sentir comovida.

— Você...

— Rainha.

A Rainha procura, delicadamente, tocar a face da dama de honra. E não se dá, a dama de honra, desaparece às carreiras e aos gritos.

— Não me toque! Não me toque! Não me toque!

Sombras. A dama de honra é encontrada banhando-se, mesmo vestida, dentro de um tanque de jardim palaciano — um presente do Rei dado a rainha, mais um pedido de desculpa devido a certas regalias que chegam a magoar.

— Dama de honra.

— Alteza. O General me lavou. O General me deu um banho, alteza. Lavou-me cada extensão, dobras, fendas e orifícios. Sinto-me imaculada. Chegue mais perto, alteza.

Acontece de chegar mais perto, a dama de honra se debruça e chora junto ao colo da Rainha.

— Eu sinto que jamais serei mãe um dia.

Demônios. Véspera do dia da batalha. Noite das longas facas. Os soldados são festejados pelos populares. Os generais brindam o dia da batalha e como vem acontecendo desde o início do jejum o General, sob uma estrondosa ovação, recolheu-se para o seu cômodo.

— General.

— Rainha.

— Sabe por que eu estou aqui?

— Não.

— O General convalesceu a minha dama de honra, impedindo-a de cumprir certas tarefas de ordem pessoal.

— E?

— Creio que o General terá de cumprir tais tarefas.
— Tais o quê?
— Ajudar a me vestir pela manhã e a me despir à noite, escovar meus cabelos, lavar as minhas costas. Atarefar-se do meu corpo.
— Já é noite. Podemos deixar de lado as tarefas de vesti-la e escovar os seus cabelos.
— General!!!

A Rainha corre para os braços do General, choramingando. E encontram-se abraçados terna e intensamente.

— Essa não sou eu. Essa não sou eu. Não é. Não sou.
— Eu sei, Rainha.
— Você não está cometendo nenhuma traição contra o Rei. Apenas não sou eu.
— Não fale.
— Eu o chamarei pelo nome e você me chamará pelo meu. Beije-me.
— E por qual nome e você pretende me chamar?
— Como?
— Tarde demais. Não fale.
— ...beije-me.

Sombras e de mônios.

— Eu te amo tanto, Rainha.
— Eu te amo tanto, General. Tome muito muito muito cuidado na batalha de amanhã.
— Por quê?
— Quando você morrer, eu morro com você.
— Então, eu tenho de pensar em algo para fazê-la viver para sempre.
— Não diga uma coisa dessas. Estará indo contra a vontade de Deus. E isso me assusta.
— E como você sabe que não é da vontade de Deus?
— Eu não sei.
— Pense num motivo que faria com que nós brigássemos?
— Não vejo como.
— Algo que você não me perdoaria?
— Não fale.
— Não fale mesmo. Chega p'ra lá, Rainha!
— O que está acontecendo?!
— Dama de honra!
— Esconda-se, Rainha.

Subitamente, às carreiras e aos sussurros, a dama de honra encontra-se na cama, fazendo par com o General, tendo a Rainha sob as mantas, entre ambos.

— ...ssscchhhiii....

Colocando um dedo entre os lábios do General, a dama de honra gesticulando deixa transparecer que o cômodo pode estar sendo observado por olhos delatores. E coloca-se sob as mantas.

— Depois eu explico tudo. Ora Alteza, eu terei de beijar o General.

— Espere!

— ...ssscchhhiiiiiii...

A Rainha é espremida pelos corpos da dama de honra e do General. O beijo se prolonga — beijinhos, mordiscadas e apalpadelas emolduradas. O beijo é interrompido por um surto de riso da parte do General.

— O que foi?

— É melhor não entrarmos em detalhes.

— ...Alteza!!!

— hhhm mm...

— ...ssscchhhiiiiiii...

Silêncio.

— Depressa, Alteza. Precisa se vestir e deixar esse cômodo.

— O que está acontecendo?

— Conversamos enquanto eu a ajudo a se vestir. Vamos lá, Alteza!

Levantando-se da cama.

— Mas...

— O General pode estar sendo vigiado. Onde estão as suas vestes, Alteza?

— Ali. Não são muitas. Apenas o de dormir, capa e capuz.

— Ótimo!

— O que a tirou da convalescença, dama de honra?

— Senti-me ameaçada, General.

A dama de honra beija a ponta da orelha da Rainha, de forma imperceptível, enquanto a ajuda a colocar a capa.

— É engraçado, não é?

— É. Quem está me observando?

— O clérigo. Suspeita-se que o clérigo pretenda levar o General a julgamento por heresia.

— Esse julgamento não tem fundamento.

— É verdade, Alteza. Daí a suspeita. E as suspeitas sempre chegam aos ouvidos dos Reis.

— Eu cuidarei disso junto ao Rei.

— Não pode, Rainha. Defender-me junto ao Rei é um fundamento que o clérigo precisa e usará contra mim.

— É verdade, Alteza. O General sempre causa alguma espécie de comoção quando se encontra nos limites desse reino.

— E o que isso tem de errado?

— Os agravantes, Alteza. Ter sua imagem acima da do Rei, discutir com o clérigo, provocar calores e temores no baixo-ventre, ter a Rainha como aliada, afastar a rainha do Rei.

— E de que forma o clérigo pode usar isso?

— Malefício, Rainha. Não tem se alimentado direito, não tem se deitado com o Rei, não tem se oferecido como mulher ao Rei e se compadece de causa minha. Ou fundamentar uma conspiração; a Rainha influenciada pelo General trama matar o Rei e a consagrada popularidade do General o levará para o trono.

— Isso é absurdo, General!

— Nem tanto. Se descartarmos a conspiração.

— Eu te amo. E não existe nenhum malefício por trás desse amor que eu sinto.

— Eu sei.

— Em caso de suspeita de conspiração, com certeza o Rei colocará a morte do General em questão. Os motivos são fortes.

— E eu nada posso fazer?

— Não.

— Temos de ir, Alteza.

A Rainha coloca-se sobre a cama e beija os lábios do General.

— Orarei até vê-lo novamente. E me mantereirei em jejum da carne e do espírito.

— Acabará se resumindo a pele e osso.

— O que fazer se os meus olhos não o vêem?

— Rir de si mesma. Morte e Justiça fazem isso o tempo todo. E se engraçam uma com a outra.

— Temos de ir, Alteza. E temos de ir sem sermos vistas.

— Isso é possível?

— Vamos pelas sombras, Alteza.

— Como?!

— Passagens secretas, Alteza. Um castelo sem passagens secretas não é um castelo. De onde a Alteza pensa que vêm os fantasmas?

Imagem e reflexos. Firmado o dia. O exército coloca-se a caminho da batalha.

— Facas às suas costas, General. Tome cuidado.

— Obrigado. Isto também lhe custará cuidados dobrados.

— Eu já estou morto, General. Morri ontem numa conversa entre cavalheiros.

Dá-se a batalha encarniçada pela posse de uma torre estratégica. A ala sob os cuidados do General é a mais sacrificada; os soldados que não se encontram feridos, estão mortos. A trégua vem com o cair da noite. O exército ao qual o General faz parte apresenta uma grande vantagem sobre o outro exército. A conquista da torre é uma questão de raiar o dia. E com a noite alta chega a mensagem de um possível acordo de rendição; e cabendo ao General tratar desse acordo. O General é conduzido por um mensageiro encapuzado até um descampado através da floresta, o local está meio que iluminado por algumas tochas. Perdido de vista o mensageiro, o General desmonta e prende a rédea a um galho. Aguarda. Da penumbra despoeta um grupo de nove soldados pertencentes ao exército do General, e dispostos a atacar.

— Eu lhe disse, General. Facas às suas costas.

— E se os meus sentidos não me enganaram, creio que você lutou ao meu lado durante toda a batalha.

— Não o enganaram, General.

— Protegeu a minha retaguarda durante toda a batalha, apenas para ter a certeza de que me mataria nessa cilada. A minha morte em batalha não se converteria em ouro. Lutou ao meu lado apenas para estar aqui e receber o seu pagamento.

— Não, General. Para continuar lutando ao seu lado.

Semelhança, sombras, demônios. O soldado diletante volta-se contra o seu próprio grupo, provocando a avançada do General para o confronto. Destroçado o grupo, o General trata de arrastar o soldado diletante para junto de uma tocha e observar a gravidade dos ferimentos. Nesse ínterim, o General é estocado, pelas costas, acima da cintura; volta-se e evita uma segunda estocada desferida. O clérigo é dominado e desarmado. A lâmina da espada do General faz pressão contra a garganta do clérigo.

— Faça-me crer, homem do Clero.

— Não escapará de um julgamento, general.

— Todos serão julgados, homem do Clero. Está nas Escrituras. Como pretende escapar de tamanho julgamento?

— Em menção a Santa Madre Igreja, eu me arrependerei dos meus pecados e assim a suprema misericórdia me perdoará. E então, eu estarei salvo e me colocarei na presença de Deus.

— Então, o perdão o salvará. Para isso o perdão não me serve.

— Herege desgraçado! Cairão pelo fogo e pelo cadafalso.

— Simpatias minhas ao fogo, figura do Clero.

O General repele o clérigo e cai de joelhos sentindo o efeito da ferida aberta.

— Veja!!! Veja o poder de Deus. Está de joelhos, general.

— E o que isso lhe parece, homem do Clero?

— Está morrendo, general. Salve a sua alma! Arrependa-se e será perdoado. Deus é misericordioso. Olhe para a Cruz e se arrependa. Deus o perdoará, general.

— Não eu. Eu o deixo a vontade do teu Deus, homem do Clero. Eu o deixo com a dúvida de ser perdoado e de se colocar ao lado de Deus. E fico com a minha certeza. Deus e eu temos assuntos a tratar. E o que isso lhe parece, padre?

O General corta a própria garganta.

— Não, General!!!

O clérigo apavora-se com o súbito despertar do soldado diletante; faz o sinal da cruz e corre na direção dos cavalos atrás da penumbra. O soldado diletante se arrasta, procurando se unir ao General naquela trégua.

— General!!!

A cabeça do General pende para frente, chegando a tocar o chão, fazendo-o cair de lado.

— Não!!!

Da penumbra, surge o clérigo agarrado a um cavalo em célere disparada, numa cavalgada totalmente fora de controle.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Quem é você?

— Acabará sabendo.

Trevas. Soube-se que alguns dias depois do relato da morte do General; a Rainha e sua filha, mais a dama de honra desapareceram na calada da noite. Nada mais se soube delas naquele reino. O clérigo foi encontrado morto, caído na estrada, apresentando escoriações generalizadas e o pescoço quebrado, indicando que durante a célere cavalgada, o homem do Clero não teve tempo hábil para se abster de um choque contra um abastado galho no meio do caminho. As batalhas encarniçadas continuam a procurar um fim. O corpo do General jamais foi encontrado.

Luzes. Portas e janelas.

— Condessa! Condessa! Finalmente.

— Quanta desgraça, pio Rei!

— Nem me fale, condessa! Nem me fale!

— Como foi que tudo aconteceu?

— Nem eu mesmo sei.

— Ah! Igualzinho a morte do conde. Saiu numa manhã, dizendo ir pescar e me volta morto para casa, carregado, todo molhado e sem nenhum peixe.

— Precisa me ajudar, condessa. Eu preciso que a condessa seja a minha rainha.

A condessa é tomada por uma falta de ar espalhafatosa.

— Eu preciso respirar. Ai, ai. Falta-me ar. Água, pio Rei. Dê-me um pouco de água.

— Água! Água! Rápido!

...sombras.

— Que beleza de cuidados tem essa criada.

— Melhor, condessa?

— Bem melhor.

— E então?

— Que criada mais bonita, pio Rei. Veja que menina adorável. Um olhar tão doce.

— E então, condessa, aceita ser a minha Rainha?

— E como não poderia aceitar, pio Rei. E quero essa adorável criada cuidando do meu pequeno conde.

— Terá todas as criadas do mundo cuidando do seu pequeno conde, condessa, minha rainha.

— Que linda. Você saberia contar uma estória bem bonita para o meu pequeno conde?

— ...

— Tem permissão para falar com a rainha.

— Eu conheço uma que conta a estória de uma borboleta que se apaixonou por um beija-flor vermelho. O amor era tanto que a borboleta se uniu a uma flor para estar perto do beija-flor. Para alegria da borboleta, o beija-flor constantemente buscava o seu alimento naquela flor. Um dia a flor foi colhida para compor o buquê de uma linda e doce triste princesa. A borboleta não conseguiu se separar da flor devido a artimanha de uma invejosa lagarta. Aí começa a busca do beija-flor pela sua amada borboleta. Termina com o beija-flor alçando vôo com o buquê. E como o buquê era muito pesado, o beija-flor vai caindo, caindo, caindo... e suas forças minguam quando ele passa por cima de um poço muito muito profundo. E vai se deixando cair dentro do poço, cada vez mais fundo e escuro. Mais fundo e escuro. Fundo e escuro.

— Que estória mais linda! O pequeno conde ficará encantado. E você tem família, querida?

— Eu moro com a minha avó. Papai morreu em nome do Rei. Mamãe se casou novamente e foi trabalhar e morar num destes lugares onde se mata em nome do Rei. De quando em quando ela vem me visitar. E eu ganhei mais duas irmãs. Eu gosto muito de cuidar delas.

— E você cuidará bem do pequeno conde?

— Qual irmã, qual mãe.

— Que doce. E qual o seu nome menina de olhos tão especiais?

— ...meu nome?

— Diga a rainha, minha filha.

— ...

Luzes fora. Portas e janelas fechadas.

Hoje eu acordei cheia de amor para dar e querendo dizer palavras diferentes, um idioma desconhecido, para que eu pudesse ensiná-lo a você com todo o amor que houver nessa vida e para que você fizesse todo o esforço do mundo em carinhos para me dizer Eu te amo; qual um bebê que aprende a falar Mamãe.